

2/RS

Ploc. 509



O HOMEM QUE NÃO QUIZ MORRER

**Teatro de Arena**  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Autoria: Dilmar Antonio Messias



P E R S O N A G E N S

ZE CORDEIRO

ALMA AGUIAR

FAUSTO SILVA

FAUSTO SANTOS

PRIMEIRO QUADRO

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 435  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



( SEGUNDO SINAL. OS ATORES PREPARAM-SE. ALMA PEGA UMA PASTA, /  
MOSTRA A CORDEIRO, BEIJA-O, DIZ-LHE ALGUMA COISA AO OUVIDO. ES  
TE DEMONSTRA DISCORDAR E BEGURA: LHE O BRAÇO, ELA RETIRA: LHE /  
DELICADAMENTE A MÃO. )

ALMA - Eu peço a atenção de vocês por um minuto. (FAUSTO ] e  
2 OLHAM, LUZ EM ALMA.) Como chora a terra em seu desamento,  
como escurece o céu em seu pesar, quando na água de um rio, /  
como um espelho, vejo o meu olho e me vejo, como uma janela.  
Como o rio em leito eu choro me vendo viver. Se abre um canto  
na palma da água como reflexo, eu me estendo sob as asas de  
mim mesmo. Sabendo ser o canto a história de mil choros e de /  
mil risos. Enquanto eu, preso ao leito, choro o choro de um  
só choro, esquecendo minha vez, talvez não de rir, mas de me  
ter o choro. Olho a água, o rio, o olho, a vez, a vez, a ve-  
vez, eu deitado sobre o leito, preso. O sol me acorda. Vou /  
viver a minha vida. Rio, se está ao lado, na casa ou na ja-  
nela, esperando ele-flor, ou dormindo num sonho de sapas e lu-  
lentes. Nas ruas e nas alamedas há os que vêm e os que che-  
ram. Na água de um rio é mais clara a vista, o mundo, a vida,  
com seu pesc. Um dragão mora na casa ao lado, ainda aferro-  
lho suas narinas. Rio com o canto reflexo de um rio. Mas não  
me esquecer dos mil choros que dormem sob o cobertor da casa  
ao lado, onde mora o dragão. Abro a janela onde a avenida luta  
contra a vida, à sombra de um gerânio sonâmbulo. Vou dormir /  
na casa ao lado quando eu choro. Vou dormir na casa ao la-  
do quando eu rio. Vou viver a minha vida, sem enganos e man-

tiras, sem restrições. É difícil! É muito difícil! A casa do lado é minha casa e o dragão da casa me vigia, mesmo quando me esqueço dele, mesmo dormindo no leito de um rio. Eu vou viver a vida-flor sem me esquecer do bixo-pedra, porque eu sou o poeta abstrato, que resiste no meu corpo. Como canta a terra em seu encanto, como brilha o céu em seu cantar! (VOLTA LÍZ GERAL.)

FAUSTO - 1 e 2 - (BATEM PALMAS) Bravo! Bravo! Muito bem!

FAUSTO 1 - Tu estavas magnífica! E nos momentos de maior lirismo, então... tu me tocaste profundamente.

FAUSTO 2 - O que me tocou foi a dor contida neste texto. Eu não consegui captar bem o sentido. Mas consegui escutar os gritos e os choros de uma multidão.

FAUSTO 1 - É como se eu estivesse acordando de um sonho, e logo eu saio para a rua, como um cavalheiro do bem, com medo e com vontade de acabar com o choro.

FAUSTO 2 - Mas na rua todos são iguais e tu não consegues saber quem é o responsável pelo mal e pelo bem.

FAUSTO 1 - Tu só consegues ver as vítimas, aquelas mesmas, / que tu já te acostumastes a ver todos os dias.

ALMA - (PARA CORDEIRO) E tu, gostastes?

CORDEIRO - De ti sim! Mas da peça... eu acho que falta ainda muita coisa. É preciso ser mais claro. Dizer mais coisas com menos palavras. As palavras, às vezes, confundem. Tu achas que os outros vão gostar?

ALMA - E por que não? quando a gente conversa com alguém, e

gente fala, escuta. Existem pessoas que a gente gosta de conversar.



CORDEIRO - Tem momentos em que me perguntam: Não seria melhor escrever uma coisa mais simples, engraçada? As pessoas já têm tantos problemas. Não seria possível colocar, discutir as causas destes problemas, tentar resolver ou pelo menos fazer alguma coisa?

ALMA - Se existem pessoas que gostam de conversar, na certa gostarão de saber o que a gente pensa seriamente, também.

CORDEIRO - Talvez. (SILENCIO) Sempre acontece isto. Eu sempre acabo achando que poderia ter conseguido um resultado melhor.

ALMA - Tu queres saber de uma coisa? - Eu gostei? Não só pela forma, como pela tua honestidade. Existem pessoas que pregam o amor e não conhecem o seu significado, que pregam a rebeldia e são submissos.

FAUSTO 1 - Faça o que eu digo.

FAUSTO 2 - Mas não faça o que eu faço.

ALMA - É isto mesmo!

FAUSTO 2 - Afinal, de quem é esta peça, hein?

ALMA - O gênio está aqui, em carne e osso!

FAUSTO 1 - Cordeiro?

ALMA - Sim, esta é a peça que ele mandou ao diretor do GRÊMIO CULTURAL, pedindo para incluí-la no nosso repertório. Já pensei, que bacana a gente representar esta peça!

FAUSTO 1 - Eu tenho certeza que o Diretor vai gostar, porque

eu gostei.

CORDEIRO - Bom...

FAUSTO 2 - E quando vamos apresentar?

CORDEIRO - Não sei. O diretor disse que ia me dar a resposta hoje. Estou esperando. Gostaria muito de ver meu trabalho / representado.

FAUSTO 1 - Seria uma honra para mim, trabalhar na tua peça. Pelo que escutei, deu prá sentir a tua sensibilidade.

CORDEIRO - O que escreve mostra o que eu penso e sinto das coisas que vejo. Eu sei que não vou mudar o mundo. Mas procuro me corresponder com os que sentem parecido, prá gente saber que não está só.

FAUSTO 2 - Que peso, que sofrimento! Grites, uives, vozes implorando perdão.

FAUSTO 1 - Quando na água de um rio, como um espelho, vejo meu olho.

FAUSTO 2 - Como um rio em leite, eu choro me vendo viver!

FAUSTO 1 - Rio, se estou no campo, na casa ou na janela, esperando ela-flor.

FAUSTO 2 - O choro, os corpos nus, o sangue.

FAUSTO 1 - E eu beijo teus lábios com ternura.

ALMA - Está na hora, vou dar o segundo sinal. (DÁ O SINAL)

Vamos? ~~Verda prá vocês~~ (TODOS RESPONDEM. SAEM. TERCEIRO SINAL. B.O.).

CORTE

SEGUNDO QUADRO



(APRESENTAÇÃO DE FORMA BURLESCA, VIVA, A MANEIRA DAS REPRESENTAÇÕES DOS TEATROS MAMBEMBES, A APRESENTAÇÃO DO ELENCO ATRAVÉS DO ALTO-FALANTE.)

VOZ - Distinto público, conforme foi anunciado, O GRÊMIO CULTURAL tem a honra de apresentar seus artistas para mais uma explosão de gargalhadas na sensacional comédia: O PEITIÇO / CONTRA O PEITICEIRO. Tomarão parte neste espetáculo: Os gêmeos Fausto Silva no papel de Fausto; Fausto Santos no papel de Rodamundo; a grande estrela: Alma Aguiar, no papel de Isabel é o impagável Zé Cordeiro, no papel de criado. E agora, com vocês: Shakespeare!

O PEITIÇO CONTRA O PEITICEIRO

(A CASA DE FAUSTO)

FAUSTO - (ENTRANDO) Nós, os comerciantes, estamos acostumados a correr grandes riscos. De repente, e lá estou em embarcação para São Paulo, e se os negócios vão bem, já atramo mais uns cruzeirinhos. Que beleza! Mas uma coisa me preocupa bastante. Tenho uma franguinha em casa, que já quer sair para apenhar flor e se ela tropeça numa sacca de banana, tenho medo que na queda quebre o cofreinho de minha honra, que já está um pouco rachado. Antes de viajar, tenho que deixá-la bem guardada. Ponho o meu criado Zé Cordeiro que é muito fiel, a cuidá-la. Tenho certeza que ele guardará ela direitinho, Mas onde ele está? (CHAMA) Zé Cordeiro! Zé Cordeiro!



CORDEIRO - (DE FORA) Silêncio. Que gritaria é esta? O que es-  
tá acontecendo? (ENTRA SONOLENTO) Ah! É o senhor, espera um  
pouquinho. Eu vou aquele lugar e já volto. (SAI E VOLTA EM  
SEGUIDA).

FAUSTO - Olha Zé Cordeiro, tenho que te falar umas coisas /  
muito importantes. Estou de viagem para São Paulo, mas quero  
pedir que cuides de minha Isabelinha. E se o idiota do Reda-  
mundo aparecer por aqui para namorá-la, corta-lhe a cabeça e  
as duas pernas. (ISABELA ENTRA) Ai está a pequena. Bom dia mi-  
nha querida filha.

ISABELA - Bom dia meu querido pai.

CORDEIRO - Ela não é de se jogar fora. Que simpatia! (IMITAN-  
DO) Bom dia meu querido pai.

FAUSTO - Minha filha, estou de partida, para São Paulo. Os /  
negócios me chamam. Cuida bem de nossa casa.

ISABELA - O que papai? O senhor vai viajar? Oh! que pena! Sem-  
tirei muitas saudações do senhor. (CHORA)

CORDEIRO - Que fingimento! Ela está louca que ele vá embora  
logo?

FAUSTO - Cordeiro, eu te confio minha filha, minha casa é  
minha honra. Se cumprires bem minhas ordens, na volta eu te /  
darei a minha roupa velha e um par de tanancos.

CORDEIRO - Sua filha está em boas mãos. Se ela não cair de  
mau jeito não quebrará o nariz.

FAUSTO - Então, adeus! (SAI) (OS DOIS ABAHAM).



ISABELA - Zé Cordeiro, agora que meu pai já foi, vou te contar um segredo. Eu estou apaixonada.

CORDEIRO - É por mim? Juro que não poderia ter escolhido melhor!

ISABELA - Que é isto, imbecil?! Saiba que meu coração é de Rodamundo. Toma este anel, oferece a ele em meu nome, como prova de meu amor. (DÁ O ANEL).

CORDEIRO - Está bem, eu levo! Dou minha palavra. Mas agora vai preparar o jantar.

ISABELA - Então vai, e vê se não demora!

CORDEIRO - Vou andando! (ISABELA SAI) Aqui estou eu, de cão de guarda. Vê se cumpre bem tua missão e não deixa ninguém chegar perto de Isabela. (OUGE-SE ALGUÉM CANTANDO. CORDEIRO SE ESCONDE, RODAMUNDO SE APROXIMA).

RODAMUNDO - (TOCANDO VIOLÃO E CANTANDO)

Abre a janela Isabela,  
Vem ver quem está cantando:  
Um coração solitário,  
Por teu amor esperando.

Corri as terras de Itália,  
Holanda, Alemanha, Espanha,  
E quanto mais longe ia,  
Mais eu estava te amando.

CORDEIRO - (APARECENDO) Ei! Quer parar com esta barulheira e ir embora? (A PARTE) Ih! Este frangote só pode ser o tal de Rodamundo!



RODAMUNDO - quem és tu?

CORDEIRO - Eu sou Zé Cordeiro, o guardião desta casa.

RODAMUNDO - E eu sou Rodamundo, o poeta. E o senhor me interrompeu exatamente num momento de inspiração. Algumas pessoas não tem o mínimo respeito com a arte, que falta de educação.

CORDEIRO - Desculpe. Eu apenas queria dizer... que tenho um recado da menina Isabela para o senhor.

RODAMUNDO - É verdade? Oh! como sou feliz! (BEIJA ZÉ CORDEIRO) E o que ela manda dizer? Diga, seu Zé Ovelha.

CORDEIRO - Ei! Não troque meu nome! É Zé Cordeiro!

RODAMUNDO - Sim, sim. Mas o que a minha querida Isabela mandou dizer?

CORDEIRO - A menina Isabela pediu para lhe dizer que está muito infeliz.

RODAMUNDO - Por que ?

CORDEIRO - Porque tinha uma corrente, de ouro tão bonita quanto esta que o senhor tem no pescoço. E na rua lhe roubaram.

RODAMUNDO - que bom, seu Zé Carneiro, agora eu tenho uma bela oportunidade para dar um presente à ela. (TIRA A SUA CORRENTE)

CORDEIRO - Já que o senhor insiste. (PEGA A CORRENTE) Pode deixar que eu mesmo levo.

RODAMUNDO - Eu gostaria de entregar o presente pessoalmente. Leve-me até ela, seu Zé Cabrito.

CORDEIRO - Espere um momento. O senhor sabe como é a língua

do povo. Se virem o senhor entrar, logo surgiriam as fofocas.

(PENSA) Mas eu acho que existe um jeito.

RODAMUNDO - Como?

CORDEIRO - Espere um pouco. (SAI E VOLTA COM UM SACO). Aqui está.

RODAMUNDO - Um saco?

CORDEIRO - Isto mesmo. O senhor entra aqui, e assim eu posso levá-lo até Isabela.

RODAMUNDO - Mas seu Zé Bode...

CORDEIRO - Eu já disse que o meu nome é Zé Cordeiro. Entre logo, vamos. (CORDEIRO AJUDA-O E DEPOIS FECHA O SACO.) Agora espere um pouco que eu vou ver se está tudo em ordem. (À PARTE) A idiota. Eu já lucnei um anel e uma correntinha. Agora só falta castigá-lo, para ele aprender a não trocar meu nome.

RODAMUNDO - (DO INTERIOR DO SACO). Zé Ovelha, Zé Carneiro. Onde se meteu este Zé Bode? Tire-me daqui. Ai! Estou sem ar!

FAUSTO - Não é que estou com sorte. Não precisei nem viajar no aeroporto mesmo. Fiz um ótimo negócio. E assim economizei o dinheiro da passagem.

RODAMUNDO - (DO SACO) Socorro! Vou morrer sufocado!

FAUSTO - O que é isto? (ABRE O SACO) Rodamundo! O que faz o senhor dentro deste saco, na freixe de minha casa?

RODAMUNDO - Eu explico.



FAUSTO - Explica logo.

RODAMUNDO - Calma! Calma. Eu estava dentro deste saco, porque... bem... o senhor sabe.

FAUSTO - Anda, desenbucha!

RODAMUNDO - É que... queriam me casar.

FAUSTO - Te casar?

RODAMUNDO - Isto mesmo.

FAUSTO - Meus parabéns, (APERTA=LHE A MÃO, FORTEMENTE). Então deves estar muito contente. Ela é rica?

RODAMUNDO - Sim, sim. Muito rica. Seus pais tem cinco mil cruzeiros guardados.

FAUSTO - Mas é um ótimo negócio!

RODAMUNDO - Só que tem um grande problema, ela é velha e muito feia.

FAUSTO - Isto não é problema, O senhor não deve desprezar um negócio tão bom só por causa disto. Porque se eu estivesse em seu lugar, não desprezaria. Mas se o senhor não quer, pode me dar o seu lugar, que eu aceito.

RODAMUNDO - De verdade?

FAUSTO - De verdade.

RODAMUNDO - Negócio fechado. Eu lhe dou a dona. E quando os pais dela aparecerem, eles lhe darão os cinco mil cruzeiros.

FAUSTO - Eu agradeço de todo o coração a sua gentileza.

RODAMUNDO - (FECHANDO O SACO) Fique quieto até que apareçam.

os pais da dona trazendo os cinco mil cruzeiros. (SAI). (EM  
SEGUIDA ENTRAM CORDEIRO E ISABELA.)



CORDEIRO -- Vou te contar a maior. Quando eu cheguei na casa do Rodamundo para levar seu recado, encontrei um ladrão, que sabendo que não tinha ninguém em casa, tentava abrir a porta, para roubar. Então eu agarrei o homem e prendi-o no mesmo sa que em que ele pensava carregar o fruto do roubo. E resolvi/ trazer o ladrão aqui para que você mesma o castigasse, por querer roubar a sua futura casa.

FAUSTO -- (DE DENTRO DO SACO) Venham, venham!

CORDEIRO -- Vamos escutar o que ela diz.

FAUSTO -- São os meus futuros sogros?

CORDEIRO -- Sim.

FAUSTO -- Trouxeram o dinheiro?

ISABELA -- Sim.

FAUSTO -- Dinheiro vivo?

CORDEIRO -- Sim.

ISABELA -- E vamos lbe dar agora mesmo. (BATEM EM FAUSTO COM CACETES. FAUSTO CONSEGUE ESCAPAR DO SACO E ANTE O ESPANTO DOS DOIS, ARRANCA UM DOS CACETES, BOTANDO EM FUGA ISABELA E CORDEIRO, PERSEGUINDO-OS RUIDOSAMENTE, DEIXANDO O TABLADO VAZIO.)

PANO

(BASEADO EM UMA FARSA TABARINICA DE TITULO: "TABARIN, O GUARDA DE HONRA." RECOLHIDA POR LEON CHANCEREL.)



(BASTIDOR. CORDEIRO E ALMA VESTEM-SE DEPOIS DO ESPETÁCULO)

ALMA - Tu vais a algum lugar hoje?

CORDEIRO - Não, estou esperando a resposta do diretor sobre a minha peça, depois vou ler um pouco.

ALMA - É que a noite está bonita hoje. Tu sentes este perfume? - (SILÊNCIO) Lá em casa nós tínhamos um jasmineiro. Eu me lembro bem: quando nós o plantamos era pequeno, quase não tinha folhas, e um belo dia, sem a gente notar, tinha crescido e estava florido e perfumando as noites calmas da minha rua, do meu bairro, da minha infância... Por isto que em noites assim eu me lembro apenas das coisas boas que aconteceram comigo até agora. (APROXIMA-SE) ...E tu és uma destas coisas! Não, não precisas falar nada, é bom pra mim ficar perto de ti, te olhar, te sentir... (CORDEIRO APROXIMA-SE DE ALMA. LONGO SILÊNCIO)

CORDEIRO - Eu não tinha pensado em amor, ou sei lá o que... É uma coisa que está um pouco longe de mim. Eu não sou um cara duro, - mas é que acontece tanta coisa, que a gente acaba esquecendo. No fundo é egoísmo ou medo e quando eu começo a sentir alguma coisa reajo mentindo pra mim mesmo que eu gosto de ficar sozinho. (SILÊNCIO) Eu também gosto de ti, de te olhar, de falar contigo. (SILÊNCIO) Olha, eu estou sentindo o cheiro de jasmim. (OS DOIS OLHAM-SE LONGAMENTE. ENTRAM FAUSTO 1 E 2, OBSERVAM A CENA, ESTÃO COM CÓPIAS DO TEXTO DE CORDEIRO NAS MÃOS. CORDEIRO OLHA-OS. SILÊNCIO) E daí? Pela cara de vocês a notícia não é boa?!

FAUSTO 1 - Ele aprovou. Vai ser a nossa próxima peça.

CORDEIRO - É verdade?

FAUSTO 1 - É claro!

CORDEIRO - Oba! (ABRAÇA-SE COM DESEJO. ALMA VEM ABRAÇA-LQ)

ALMA - Que bom!

FAUSTO 2 - Esperem, não comecem ainda.

CORDEIRO - Porque?

FAUSTO 2 - Porque ele impôs uma condição...

ALMA - O que?

FAUSTO 1 - ...é sobre o personagem principal: o diretor acha que ele deve morrer no final.

FAUSTO 2 - O diretor do Grêmio acha que ele tem que morrer no final.

CORDEIRO - Não, isto não é possível. Se ele morre a peça perde o sentido.

FAUSTO 1 - Ele acha que por tudo que ele faz, ele deve morrer. Se não, poderia servir de exemplo aos jovens. Deixá-lo vivo, seria abalar o conceito de justiça.

FAUSTO 2 - Quem sabe ele esteja com a razão?!

CORDEIRO - Razão! Razão! Razão!...Será que ele pensa que é um Deus? Um homem que diz não, abala o conceito de justiça? Destroa o conceito de justiça é não deixar um homem dizer não. Um homem tem o direito de escolher o que é melhor pra si. Não, ele não pode morrer. É o que eu sinto.

FAUSTO 2 - É, mas não tem outro jeito.

ALMA - E se a gente falasse com ele?

FAUSTO 1 - Ele foi taxativo!

CORDEIRO - Tudo perdido. Eu batalhei em cima disto (TEXTO) para ele chegar e impor condições? Frô inferno! E eu vivendo aqui, dentro desta coisa, comendo desta coisa. O que é que eu faço?

ALMA - Não desanima, deve haver um jeito.

CORDEIRO - Eu não posso mentir pra mim. Eu sei o que eu sinto,

FAUSTO 1 - Te acalma, anda!

FAUSTO 2 - Depois tu escreves outro. A partir de agora não vais ter mais problemas: tu já sabes do que êle não não gosta.

CUNDEIRO - Já! (SAI)

FAUSTO 1 - Coitado.

FAUSTO 2 - Eu já tinha previsto. Estava muito pesado. Depois, era um negócio muito difícil de entender, ia confundir as pessoas.

ALFA - Mas não foi o que disseste, hoje, quando escutaste parte da peça.

FAUSTO 2 - Ela está engatada nêle. Ainda vai se arrepender. Quem ama, sempre se arrepende.

FAUSTO 1 - Engraçado como a gente sente logo, não adianta querer enganar. Já dizia Shakespeare; "A melhor maneira de definir o amor é senti-lo". É, fei mais ou menos isto.

FAUSTO 2 - Eu sabia! Não sei como o diretor ainda aceitou esta peça. Nunca fui muito com essas coisas onde a gente tem que pensar muito.

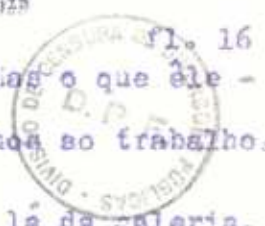
FAUSTO 1 - Êle ficou chateado! Também, não era prá menos, podia ser o que fôsse mas o diretor não tinha o direito de mexer numa coisa que não era dêle...

FAUSTO 2 - Não sei o que ela quer com êle! Deye 'tá pensando em casar, ter filhos. Prá que? Ela me atrai! Às vezes me dá vontade...mas ela está engatada nêls... Quer saber de uma coisa? Pier prá ela...não sabe o que está perdendo.

FAUSTO 1 - É assim, quando a gente pensa que não existe, que é bobagem, invenção, aparece alguém prá avivar nossa memória, e um dia chega a vez da gente.

FAUSTO 2 - Bom, eu vou estudar um pouco a peça, prá que depois não ponham a culpa em mim.





FAUSTO 1 - É pena que o Cordeiro esteja magado. Mas o que ele -  
pode fazer? Nada. Um dia êle acostuma. É isto, vamo' ao trabalho.

FAUSTO 2 - O que eu não daria para poder assistir lá da galeria,  
junto ao público... "A morte do homem que não queria morrer". (RI)  
(SAEM EM B.O.)

QUARTO QUADRO

ADONIS ESTÁ NA PRISÃO, ACORRENTADO. ENTRAM OS DOIS SACERDOTES.

ADONIS - O que vocês vieram fazer aqui?

SACERDOTE 1 - Vimos como portadores de uma ótima notícia.

SACERDOTE 2 - O amantíssimo NUME demonstrou mais uma vez sua be-  
nevolência e te concede mais uma graça.

ADONIS - Vão embora! Eu não quero ouvir. Não me sinto merecedor  
de nenhuma graça.

SACERDOTE 1 - Nós todos sabemos como o irmão se sente.

SACERDOTE 2 - Depois do estranho mal que te acometeu...

ADONIS - Estranho mal! É um estranho mal a consciência?

SACERDOTE 2 - Tu chamas de consciência, a loucura?

ADONIS - Então, deixem-me em paz na minha loucura, porque parece  
me enxergar melhor dêste lado.

SACERDOTE 1 - Agora é demasiado tarde.

SACERDOTE 2 - Tua loucura causou preocupações ao amantíssimo.

SACERDOTE 1 - Foi vergonhoso. Tu não lembras, eu tua loucura te  
serve de escudo?

SACERDOTE 2 - Ontem, na festa em homenagem ao amantíssimo NINE, quando fostes escolhido para receber a bênção anual do amantíssimo, os jovens e os velhos, todos esperando o momento do teu agradecimento louvando a amantíssimo, por fazer-te senhor de tal honraria...

SACERDOTE 1 - ...e tu, como um louco, começastes a dizer coisas sem nexo, deixando a todos perplexos.

SACERDOTE 2 - Falando de choros que, aqui entre nós, não existem e de dragões à espreita.

SACERDOTE 1 - Fazendo recair a fúria do amantíssimo sobre nós que te escolhemos e aplaudimos.

SACERDOTE 2 - Fazendo recair a fúria sobre ti que desconhecendo repentinamente os preceitos desta confraria, lançou o cedo e a dúvida em todos os presentes, revelando a existência de lágrimas e monstros, quando nós não reconhecemos entre nós a dor, e que a nossa vida ao lado de nosso amantíssimo e o benefício de seu grande amor fazem-nos desconhecer qualquer espécie de infelicidade.

SACERDOTE 1 - Apesar de vítima de enorme indignação, não deixou-se nosso mestre abater. Iluminado por sua grande sabedoria concebeu-te mais um privilégio e incumbiu-nos porta-dores da boa nova: "Tu terás a honra de entregar espontaneamente teu corpo em sacrifício no ofício de hoje, dedicado aos jovens".

ADONIS - Não, vocês não podem fazer isto comigo. Eu não quero morrer.

SACERDOTE 2 - Agora é impossível voltar atrás, está tudo pronto. É nosso mister fazer cumprir o desejo de nosso mestre.

SACERDOTE 1 - Vamos, não percamos tempo. É necessário ainda preparar-te para o ofício. (B.O.)

II

(No MOMENTO DO OFÍCIO SURGE A FIGURA.)

Io - Senhor, eu pedi vossa proteção quando aqui entrei. Estava -

cançada de meu martírio, desta fuga louca em que tenho arrojado  
minha vida: Vós me acolhestes, mas o que peões neste momento é  
para mim muito difícil.

ALVINA - Mas é difícil quando o objetivo é maior que a ação. És  
tu homem deve morrer e tu fostes escolhida entre tantas, para  
satisfazer o desejo dos deuses.

JO - Mas como posso eu matar um igual?

ALVINA - Ela não é mais um igual, desconheceu as nossas regras.  
Deve morrer.

JO - E por que não perdá-lo?

ALVINA - Impossível perdoar. Seria permitir que a rebeldia se ing  
taure. Vamos, pegue o punhal. Dê início ao sacrifício. (SAI)

JO - Oh! Destino impossível. Devo preferir as torturas que prá -  
cia foram reservadas, ou terminá-las causando a dor de um semelhan  
te. Quis conheceu como eu a dor, não hesitaria um instante, mas  
não posso neste momento deixar de sentir piedade de quem o amor à  
vida serviu de caminho para a morte.

ALVINA - Como se isto te absolvesse. Pensas que conseguirás mudar o  
teu destino? Isto está bem acima dos deuses. Talvez os deuses ali  
minem este monarca que te persegue, mas com a morte d'ato inocen  
te, outro irá nascer.

JO - Não, mas eu não posso deixar de obedecer aos deuses. Eu te  
nho esperanças e isto me laste. Além do mais, a minha mão só ser  
virá de instrumento. Eu não mato com ódio, cumpro apenas o dese  
jo dos deuses.

ALVINA - Como se isto te absolvesse. Vai, cumpre teu caminho. Tal  
vez permaneças impune, hoje o mal nem sempre o mal encontra casti  
go, mas sim o fracço. Haverá melhor castigo que a derrota?



XII

1o PREPARA-SE PARA O SACRIFÍCIO. ENTHAM OS DOIS SACERDOTES.)

SACERDOTE 1 - Senhoras e senhores, vós que compareceis hoje a este templo para assistir esta noite mais uma vez, ao nosso ofício, tereis a oportunidade de participar do sacrifício de um de nossos mais caros irmãos, conhecido por sua dedicação e capacidade, e que no desempenho de suas funções junto à Sagrada Confraria Urbana muito fez pela elevação do bom nome desta confraria. Agradado inúmeras vezes pelo Conselho com o "Louver Máximo Semestral" e sendo recentemente indicado a compor a lista dos beneficiados com a bênção anual de nosso amantíssimo NUNE.

SACERDOTE 2 - A vós que estivestes presente à festa em homenagem ao amantíssimo, não é necessário dizer que estamos falando de nosso irmão, o artífice Adonis, e nem do estranho mal que se apossou dele. Mais uma vez a sorte acudiu o nosso querido irmão, pois novamente fez-se presente a sábia benevolência de nosso amantíssimo NUNE, - colocando-o pessoalmente em primeiro lugar na lista dos que doarão espontaneamente seu corpo para o sacrifício. E na noite de hoje, em que abrimos os ofícios de inverno, dedicados aos jovens - que ingressaram na Sagrada Confraria Urbana no primeiro semestre, terá ele a honra de servir de exemplo aos jovens, com seu amor à Confraria, capaz até de abdicar da própria vida. Então, com a graça de nosso supremo mestre, daremos início ao sacrifício.

(MÚSICA TÊNUE. ADONIS ESTÁ DEITADO SOBRE UMA MESA, TRAVESTIDO. - SEU VESTIDO É DE GAZE BRANCO. SUA CABELEIRA, ESPESSA. Ie? AO FUNDO, SE JOELHOS, COM UM FURRAL NA MÃO. O RITMO É LENTO, RITUAL, A PAR DE PLASTICAMENTE RIDÍCULO. A INTERPRETAÇÃO DEVERÁ SER SÉRIA. (CENA TRÁGICO.)



Io - Oh! Amantíssimo NUME, Supremo Senhor das grandes causas, Senhor do corpo, Tu és a justiça, Tu és o que fere quando necessário porque és a verdade. Por isto sabes ferir. Enquanto tú, és Adonis sob o pé de mundo, sob a mó do jugo. Ah! como és pequeno. Meu corpo é minha mão e sob meu pé tu és pé. Eu sou a febre que não passa, eu sou o que fere e o que mata. Enquanto tu, és paste, pouco, nada, nada para o murre de punho. Tu és o fraco, o sacrificado. - Irmãos, termina tuas preces. Neste momento a Sagrada Cenfraria Urbana recebe teu corpo no sacrifício máximo. (Io GOLPEIA VÁRIAS VEZES O CORPO INERTE DE ADONIS. ESTE NÃO ESBOÇA NENHUMA REAÇÃO. AOS GRITOS, ATIRA LONGE O PUNHAL. SEGUE-SE LONGO SILÊNCIO) QUEBRA DO PELA SURPRESA DE Io COM A NÃO REAÇÃO DE ADONIS. SUSSURRANDO.) - GRITA! Vamos, grita. Anda, grita, sofre, morre. Berra, implora piedade. Chora, pede, morre.

ADONIS - Não, eu não quero morrer.

Io - Mas tu tens que morrer. Eu te matei.

ADONIS - Morrer prá que? Em nome de quem?

Io - Morre em nome de tua vida que não valerá mais nada quando o supremo mestre souber que acabaste com o ofício. Veja, todos estão esperando a tua morte.

ADONIS - Distinto público: eu quero que todos saibam que eu não vou morrer. Se vocês vieram aqui só para assistir a minha morte, para sofrer ou para rir com meu destino, perderam seu tempo.

(B.O.)

QUINTO QUADRO



(BASTIDOR. CORDEIRO E ALMA VESTEM-SE, DEPOIS DO ESPETÁCULO.)

ALMA - Eu queria que tu morresses. Eu achava que não havia outro jeito. Era bem simples. Morrer ali, por um instante. E de repente a vida de novo. Era assim que eu pensava. Depois eu iria correndo até teu camarim, só prá ver se era verdade mesmo. Na verdade eu sabia, mas alimentava dentro de mim a dúvida / prá ter a alegria de te ver vivo. E quando eu chegasse e te visse respirando e falando, eu seria capaz de não sei o que. Te abraçaria com todas as minhas forças, ou choraria como uma menina perdida no meio de um monte de gente, ou ficaria muda e iria embora. Mas tu não morrestes, então eu me confundi, fiquei sem saber. Houve momentos em que até pensei que tinha errado alguma coisa, ou que tu tinhas esquecido tudo. Depois, quando eu vi que não, que tu sabias o que estavas fazendo, eu te vi morto de verdade. Depois, eu não me lembro mais. (OS DOIS OLHAM-SE LONGAMENTE. ENTRAM FAUSTO 1 e 2. OBSERVAM A CENA, ESTÃO COM CÓPIAS DO TELTO DE CORDEIRO NAS MÃOS, CORDEIRO OLHA-OS. SILENCIO.)

FAUSTO 2 - Toma. (SILENCIO) E daí?

CORDEIRO - E daí o que?

FAUSTO 1 - O que vais fazer agora?

FAUSTO 2 - Os homens não ficaram contentes com a tua atitude. E prá te falar a verdade, eu também não.

CORDEIRO - Para aí, eu tenho direito de fazer o que bem entenda.

FAUSTO 2 - Mas tu tens que ver que tu não és um cara gozinho. Que nós fazemos parte do teu mundo. Se tu não te preocupas com a tua barriga, pelo menos pensa em nós. Ou é muito difícil prá ti, pensar em nós?

CORDEIRO - Vê se não enche, tá? Prá mim já foi muito difícil fazer o que eu fiz.

FAUSTO 2 - Só porque escolheste o mais difícil. Seria muito mais fácil morrer como o diretor queria. O público, eu tenho certeza que também gostaria e alguns seriam até capazes deixar.

FAUSTO 1 - É melhor deixar prá lá. O cordeiro está chateado.

FAUSTO 2 - Eu também estou chateado.

ALMA - Acho melhor vocês pararem com este bate boca.

FAUSTO 2 - O que me aborrece é que ele não se defende, não se desculpa. Porque se o diretor resolve acabar com tudo, estamos no olho da rua.

FAUSTO 1 - Também não é assim. Eles precisam de nós e amanhã, sei lá, o Cordeiro faz como o homem quer e fica tudo por isto mesmo. Prá que esquentar a cabeça.

CORDEIRO - Olha aqui. Prá mim chega. Se vocês pensam que eu vou voltar atrás, podem ir tirando o cavalo da chuva. Eu emoi, tá bom? Tu te esborracha fazendo um trabalho e vem o diretor e resolve da cabeça dele que não é nada daquilo. Que assim não está bom. Que isto fere os princípios do GREMIO. O que ele tem que saber é que eu sou um artista e não um datilógrafo.

FAUSTO 2 - Resolvestes mudar o mundo? Tu já te destes conta



que isto é um papo muito antigo? Que ninguém está mais a fim destes moralismos? Que eles saem do teatro e esquecem de tudo?

CORDEIRO - Mas eu ainda acredito que existem coisas razoáveis, que ainda existe o bom senso. Talvez porque eu esteja buscando um motivo prá viver, neste momento, neste mundo.

FAUSTO 1 - E buscando um motivo prá viver, tu te negas a morrer de mentira e te arriscas a morrer de verdade?

CORDEIRO - Assim como o Diretor achou que meu personagem devia morrer, eu achei que não.

FAUSTO 2 - Mas o Diretor tem todo o direito de achar ou não. Afinal é ele quem paga. E, tu deves apenas cumprir ordens e receber teu ordenado.

CORDEIRO - É, mas eu resolvi abrir mão de tudo, porque eu não sou uma máquina programada para satisfazer os gostos e os critérios dele.

FAUSTO 2 - E tu pensas que vai ficar assim, é? Pensas que eles vão largar o teu pé? Tu poderias pedir outra chance, eu tenho certeza que eles te dariam, eles nunca gostam de perder, vai por mim. Se não a gente vai ter que ficar esperando que alguma coisa aconteça. Para de pensar só em ti, faz alguma coisa.

CORDEIRO - Tira as patas de cima de mim. Vai cuidar de tua vida. Eu sei o que faço. (EMPURRA FAUSTO 2, ALMA E FAUSTO 1, SEGURAM OS.)

FAUSTO 2 - Palhaço! Tu vais me pagar muito caro por isto e vais te arrepender por tudo o que fizestes. (CORDEIRO SAI, FAUSTO 1 O ACOMPANHA, FICAM ALMA E FAUSTO 2, SILENCIO.) Desgraçado! Quem





ele está pensando que é? Vai acabar morrendo de fome, isto é o que merece. (PARA ALMA) E tu pára de me olhar com esta cara. Tu sei bem o que sentes por ele. Mas ele está pouco ligando, daí vou bem claro que a única coisa que interessa prá ele é ele mesmo. Egoísta? E tu vives em volta dele, tão suspirante que nem notas que eu estou aqui, que eu sou um homem. (ALMA FAZ MENÇÃO DE SAIR) Espere, não vá. (FICA NA SUA FRENTE) Por que não me olhas nos olhos? Medo? (ALMA RECUA.) Tu gostas dele: não é? Por isto és incapaz de julgá-lo. Mas ele vai te retribuir, aliás, já retribuiu. Amanhã nós todos estaremos na rua, ou implorando perdão de nosso diretor. Vem cá, não foge. (TENTA ABRAÇÁ-LA. ALMA REAGE E DÁ-LHE UM SOCO. ELE CAI.)

ALMA - Covarde! Tu não chegas nem aos pés dele. Tu és capaz de vender até tua mãe de medo. (SAI)

FAUSTO 2 - Vocês vão me pagar! Eu juro! Vocês não sabem com quem estão se metendo. (B.O.) (ENTRA FAUSTO 1) Tu também estás do lado deles, não é? Te esqueceste que és meu irmão? Mas não faz mal, eu vou destruí-los. Ninguém poderá me impedir.

FAUSTO 1 - Eu te impedirei. Não deixarei que façam mal a ninguém.

FAUSTO 2 - Então eu te matarei também.

FAUSTO 1 - Não podes me matar, tu sabes disto.

FAUSTO 2 - Tu não me assustas.

FAUSTO 1 - Se me matares estarás matando a ti, porque eu sou tua metade, parte de ti.

FAUSTO 2 - Vou te advertir pela última vez, não tentes me im

pedir de destruí-los. Será pior para ti. (SAI).



#### SEXTO QUADRO

(FAUSTO 2 ESTÁ À FRENTE DE UM ALTAR. AO FUNDO UM PENTAGRAMA GOM AS CINCO ENTIDADES DO SATANISMO.)

FAUSTO 2 - Oh! Senhor das Maldades, diante do altar de Satã eu te invoco, para entregar-me como servo fiel e dedicar-lhe minha existência. Prometo diante deste altar, não retroceder jamais em minha vida de violência. Prometo praticar e ensinar o ódio. Não me deixar enganar por qualquer sentimento para que eu possa louvar só a ti. Nego o que possa existir de bom em mim em tua honra e exultarei, quando espalhares as doenças / destruindo os que em ti não acreditam e a ti não seguem. Oh! Senhor das Trevas, eu quero receber-te no sangue deste cálice e ser definitivamente possuído por vós. (BEBE) (Estrondo. Relâmpagos. TRANSFORMA-SE NUM VAMPIRO) (RI E SAI. ENTRA FAUSTO 1 SAI O PENTAGRAMA.)

FAUSTO 1 - Prometo ser bom, honesto e trabalhador. Prometo que cultivarei a justiça e a harmonia e respeitarei as normas da sociedade. Prometo não cair em tentação e buscar sempre a perfeição. Prometo ser um bom pai, bom filho, um bom esposo um bom colega e um bom amigo. Prometo praticar e ensinar apenas o bem, não ter vícios e cumprir com minhas obrigações. - Prometo ajudar os cegos a atravessar as ruas e dar lugar aos mais velhos nas conduções. Combater o crime e defender os fra





MENTE. O VAMPIRO A HIPNOTIZA.)

VAMPIRO - Alma! Alma! (ELA DEIXA CAIR O PUNHAL E DIRIGE-SE PARA ELE.)

CORDEIRO - Não vá, não vá! Ele está te hipnotizando. Cuidado! (ELE VAI ATÉ ALMA, O VAMPIRO TOMA-LHE A PRENTE E O EMPURRA.)

VAMPIRO - Deixa que eu cuido dela depois, agora estou interessado em ti. (AVANÇA PARA CORDEIRO QUE ESTÁ CAÍDO. ENTRA FAUSTON, VESTIDO DE SUPER-HOMEM.)

SUPER-HOMEM - Para lá! (O VAMPIRO SOLTA CORDEIRO.)

VAMPIRO - Quem és tu?

SUPER-HOMEM - Eu sou a justiça!

VAMPIRO - És eu o mal. Não és curioso?

SUPER-HOMEM - Eu já sabia.

VAMPIRO - E o que é que tu queres, aqui?

SUPER-HOMEM - Vim impedir que acabes com ela. Porque eu sou o protetor dos fracos e oprimidos.

VAMPIRO - Mas tu não conseguirás. Ninguém conseguirá!

SUPER-HOMEM - Veremos.

VAMPIRO - Nem mais um passo. Pensei então que eu estava domindo do toco? Esperava que eu o poderoso mal, não estivesse prevenido contra você, o bem? Ledo engano. Olha! (TIRA DO BOLSO UMA PEDRA E A MOSTRA AO SUPER-HOMEM. O SUPER-HOMEM CONTORSE-SE. O VAMPIRO RI.)

SUPER-HOMEM - Não. Não. Kryptonita não! (O VAMPIRO RI.)

